

## **EDUCAÇÃO A DISTANCIA ou EDUCAÇÃO ON LINE há espaço para semelhanças e contradições?**

Judilma Aline Oliveira Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** A Educação a Distância no Brasil, ao longo do seu desenvolvimento/crescimento passou por diversos momentos e ainda hoje é possível observar modelos e programas com características que datam o início desta modalidade educacional. O artigo em questão pretende situar estes momentos, destacar o movimento da cibercultura, pontuar alguns aspectos da legislação sobre a EAD e, por fim, ponderar sobre o potencial desta modalidade de ensino. A questão norteadora do estudo buscou entender até que ponto generalizar a EAD contribui ou dificulta o entendimento sobre esta modalidade. Partiu de uma revisão de literatura através de uma pesquisa bibliográfica, tendo como base os autores: LEVY(1999), MILL; (2010,2013), BRUNO; BORGES; SILVA(2010), BARRETO (2008), BELONI(2006), DEMO (2009), BRUNO; PESCE (2012).

**Palavras-chave:** EAD; cibercultura; potencias da EAD.

**Abstract:**The Distance Education in Brazil throughout its development / growth passed many times and even today you can see models and programs with features dating from the beginning of this educational modality. The article in question intends to situate these moments, highlight the movement of cyberculture, point out some aspects of the legislation on EAD and finally, ponder the potential of this type of education. The main question the study sought to understand the extent to which generalize the EAD helps or hinders understanding of this modality. Started from a literature review through a literature search, based on the authors: LEVY (1999), MILL, (2010.2013), BRUNO; BORGES; SILVA (2010), Barreto (2008), Beloni (2006), DEMO (2009), BRUNO; PESCE (2012).

**Keywords:**EAD; cyberculture; potential of ead.

---

<sup>1</sup> Pedagoga, especialista em Recursos Humanos e Mestre em Educação. Professora e Coordenadora do Centro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Machado Sobrinho, Pesquisadora do Grupar- Grupo de Aprendizagem em Rede- UFJF e Avaliadora do Inep.

### **Introdução: uma breve contextualização sobre a educação a distância**

Nos últimos anos temos observado um aumento cada vez mais significativo de cursos e programas realizados a distância. E com o crescimento das tecnologias móveis disponíveis no mercado ao mesmo tempo com o aumento do poder aquisitivo que propicia às pessoas a aquisição de ferramentas como Smartphones, iPhones, iPads, etc, é difícil encontrar alguém que não possua uma dessas tecnologia.

No entanto, este estudo não pretende associar o aumento dos cursos com o aumento das tecnologias, mas, apenas, indagar sobre a probabilidade de que os aumentos podem estar relacionados.

Mas, por outro lado, tentar entender se estes crescimentos podem ser percebidos no campo da educação. Será que todos níveis educacionais (do ensino básico ou superior) estão se apropriando destas tecnologias? De que forma a educação a distância vem se constituindo ao longo do tempo? Será que a EAD para os professores ainda é motivo de recusa ou já incorporaram as suas práticas de sala presencial? É possível um diálogo entre as modalidades? Tais questões foram necessárias para nortear este estudo.

Desta forma, faz-se necessário elucidar ou pelos menos tentar mostrar algumas formas destes modelos de educação a distância, suas especificidades, até porque este crescimento está também associado a diversidade de modelos e de práticas sejam elas realizadas por Instituições de Ensino ou não.

Na literatura já é comum pontuar a EAD em três momentos distintos, a saber. O primeiro momento, delimitado por vários autores, mas para este estudo cita-se apenas BRUNO e LEMGRUBER (2010), como a *primeira geração da EAD* que se constituiu através da educação por correspondência. O material utilizado é auto-instrucional e os cursos tinham como foco a formação profissional e preparação para ofícios. Um exemplo, o Instituto Universal Brasileiro.

Para os autores citados, o segundo momento, ou seja, a segunda geração da EAD se dá a partir da década de 70, onde começa a ser utilizada a fita de vídeo e áudio, a televisão e, também, o telefone. Porém, o material continua sendo auto-instrucional. Como exemplo, o Telecurso 2000 da Fundação Roberto Marinho, com cursos preparatórios para complementação dos estudos da educação básica.

O terceiro momento dá-se início em meados da década de 90 com a utilização da internet. No entanto, a EAD vivencia nestas últimas décadas um salto bastante significativo. A internet denominada WEB 1.0 (no início) – realizando a socialização da informação e logo após, com a WEB 2.0 com espaços de relacionamento e interações. E, ainda, segundo GALVÃO<sup>2</sup>,

Web 4.0 a rede móvel: é a proliferação da comunicação sem fio (wireless). Em qualquer hora, em qualquer lugar do mundo físico. Integração em tempo real. Um exemplo, o GPS, guiará o usuário por um caminho mais econômico ou de menos tráfego; em algum tempo, tirará o trabalho do motorista de dirigir.

Web 5.0 a rede sensorial-emotiva: a idéia aqui é trazer sentimento às nossas interações com a rede. Ela interpretará nossas emoções. Ao determinar nossas emoções, somando-se às tecnologias e conhecimentos deixados pelas antecessoras, ao saber que estamos “tristes”, por exemplo, a web nos apontará os melhores lugares com pessoas mais divertidas para nos animar. A web 5.0 será, sem dúvida, mais “afável” que as anteriores; e a mais manipuladora também.

Por isso, faz-se necessário distinguir as diferenças destas fases para não generalizar que o uso da internet se configura como um só momento. Até porque, segundo BRUNO e PESCE (2012), nesta primeira fase da internet não era permitida a vivência plena da dialogia digital (PESCE, 2003) e a mediação partilhada (BRUNO, 2007), categorias estas criadas pelas autoras.

Entendendo, segundo as autoras, que na mediação o sujeito baseia a sua ação e a sua reflexão para a aprendizagem na compreensão, na incorporação e na transformação da prática, de modo a promover a formação do ser intelectualmente ativo, crítico, criativo e produtivo. Já a dialogia digital trabalhada por PESCE intenciona transpor para as interações realizadas nos ambientes digitais e em rede os princípios e pressupostos do dialogismo bakhtiniano e as etapas que integram o conceito freireano de interação dialógica.

---

<sup>2</sup>GALVÃO, D. *As webs: presente, passado e futuro*. s/d. Disponível em: <http://ideiascorporativas.wordpress.com/2009/10/22/as-webs-presente-passado-e-futuro/> Acesso em agosto de 2012.

Vale ressaltar ainda que alguns aspectos são representativos deste salto da WEB que sai de uma educação a distância para uma aprendizagem online, a saber:

- sistemas de ensino mistos e integrados,
- oportunidade diversificada de formação organizada de modo flexível,
- atividades presenciais e a distância – uma forma híbrida;
- uso intensivo de tecnologias diversas (podcast, wiki, chats, fóruns, webconferências, blogs, avatares, etc);
- interação e interatividade, mediação pedagógica;
- trabalhos em equipes colaborativas.

É comum ouvir de alguns professores e alunos que a educação a distância não precisa ser “distante”. Esta é uma das grandes verdades quando se vivencia esta modalidade com todos os recursos que ela proporciona. E ao mesmo tempo, ilide um grande mito que ainda persiste junto aos mais “céticos” que não acreditam na possibilidade de proximidade desta modalidade. Este aspecto nos ajuda a caracterizar as diferenças entre ser “a distância” e ser “on line”. Ambos acontecem em espaços virtuais, no entanto, o primeiro favorece as atividades de forma assíncrona onde os contatos não são realizados no “aqui e agora”. Por exemplo, um aluno disponibiliza um comentário no Fórum e em outro momento, o professor ou tutor fará sua manifestação. Já o ensino “on line”, as ações são síncronas, ou seja, são realizadas simultaneamente, em tempo real. Por exemplo, os Chats.

No entanto, para que tal “proximidade” exista é necessário um grande comprometimento e envolvimento de todos os participantes no programa e/ou no curso.

Assim, mesmo situando os três momentos distintos da EAd não se pode afirmar que as práticas e/ou modelos existentes na década de 70 ainda persistem até os dias de hoje.

## **1 A EAD e a Cibercultura**

Os aspectos, que se configura com a WEB 2.0 são elementos integrantes da Cibercultura. Termo cunhado por LEVY (1999) que especifica o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores

que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço - o meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores.

Desta forma, existe um consenso entre os autores pesquisados de que a EAD deve ser considerada antes e depois da CIBERCULTURA.

Esses aspectos ou parte deles são vistos por alguns com receio e críticas como aponta BARRETO, Raquel (2008) e DEMO, Pedro (2009). Para a primeira, este movimento aponta a centralidade das TICs junto ao contexto histórico da implantação da secretaria de Educação a distância e as políticas que vieram a partir disto tiveram como foco uma expansão generalizada e não uma preocupação na maneira de ser implantada e nos sujeitos que seriam envolvidos neste processo.

Já para DEMO (2009) há muita tecnofilia e tecnofobia, categorias que ele utiliza para designar um grupo de eufóricos e dos lamentosos diante das TICS. Na sua concepção, ambas as posições são inadequadas porque são acríticas. Não cabe curvar-se ao determinismo tecnológico que resulta em aceitação basbaque, porque nenhum determinismo é historicamente real. Nem cabe propalar repulsa obsessiva, porque, sendo o mundo das novas tecnologias naturalmente ambíguo, há, entre tantas dubiedades, também belas promessas. A internet é também um “lixão”, mas é igualmente um horizonte que pode abrir novas oportunidades.

No entanto, mesmo com posições antagonicas sobre a Ead é necessário dizer que as possibilidades abertas com o advento da Cibercultura podem proporcionar programas educacionais de qualidade e ainda, abriu um campo jamais perceptível para a educação presencial. Por outro lado, mesmo com todas as tecnologias disponíveis com a Web 2.0 ainda existem programas e cursos realizados através da educação “bancária”, categoria discutida por FREIRE (2009) onde o professor “deposita um conteúdo” e no caso da educação a distância, em um dado espaço virtual para depois, o aluno abrir o espaço e “sacar” o dado conteúdo. E, em outro momento, na avaliação o professor irá “cobrar” e caberá o aluno “depositar” o referido conteúdo. Este modelo de cursos a distância contribuiu de forma significativa para criar uma imagem de cursos fracos, frágeis e sem muita credibilidade.

Sem dúvida, muitos modelos e/ou programas oferecidos por intuições de ensino com base mercantilista são factíveis a críticas em relação aos seus propósitos, a forma como os conteúdos são estruturados e/ou transmitidos, a metodologia utilizada que só transfere conteúdos previamente apostilados sem a existência da mediação e nem da dialogia, dentre outros pontos.

Nestes tipos de Instituições o papel do professor às vezes é delegado a um tutor que é um novo ator que surge neste cenário assumindo na maioria das vezes as atribuições do professor e com um trabalho mecanizado. Na grande maioria, sem autonomia, e atua como “entregador de informação”. Por outro lado, muitas instituições, a maioria pública, oferecem programas com metodologias direcionadas aos aprendentes tirando o foco destes programas que são apenas “ensinantes”, segundo BELLONI (2002). Nestas Instituições, os resultados já podem ser comprovados através dos baixos índices de evasão em exames de seleção em larga escala como o ENADE com alunos de cursos a distancia obtendo notas maiores que dos cursos presenciais, vide relatório disponível no site do Inep<sup>3</sup> que pode ser consultado por curso ou por IES.

Assim, a cibercultura abre um campo de possibilidades para se ter cursos dinâmicos e atrativos. No entanto, nos resta saber quais são os motivos que impedem as Instituições de utilizar os recursos que ela proporciona. Serão políticos? Limites técnicos? Falta de conhecimento/formação dos envolvidos? Estas questões, infelizmente, este estudo não foi capaz de responder.

## **2 Resgatando alguns aspectos da Legislação sobre a Ead**

A EAD só vai se consolidar enquanto política pública a partir de meados da dec. De 90 através de um grande *boom da oferta* e do favorecimento da legislação.

A LDB 9394/96, no art. 80 estabelece que o poder público deverá incentivar o desenvolvimento e a veiculação de programas de EAD, em todos os Níveis e modalidades de ensino. Além disto, permite que no currículo dos cursos superiores de graduação 20% poderá ser de disciplinas semi-presenciais.

---

<sup>3</sup> Vide site:< <http://enadeies.inep.gov.br/enadeles/enadeResultado/>

O Decreto 5622/2005<sup>4</sup> vai caracterizar a EAD como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de educação e aprendizagem ocorre com a utilização das TICs com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares e tempos diversos.

Além disto, no Art. 2 estabelece os níveis e modalidades educacionais que poderá ser ofertada via EAD, a saber:

- I - educação básica, nos termos do art. 30 deste Decreto;
- II - educação de jovens e adultos, nos termos do art. 37 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996;
- III - educação especial, respeitadas as especificidades legais pertinentes;
- IV - educação profissional, abrangendo os seguintes cursos e programas:
  - a) técnicos, de nível médio; e
  - b) tecnológicos, de nível superior;
- V - educação superior, abrangendo os seguintes cursos e programas:
  - a) seqüenciais;
  - b) de graduação;
  - c) de especialização;
  - d) de mestrado; e
  - e) de doutorado

E neste mesmo ano, o MEC cria a primeira política pública para formação de professores para educação básica em nível superior através da EAD com a UAB- Universidade Aberta do Brasil. Observa-se uma invasão “silenciosa” da EAD nos cursos presenciais, tendo como pano de fundo a necessidade de formar professores para a educação básica no Brasil

Esta política de expansão do ensino superior a distancia pode ser uma alternativa para o encurtamento das distâncias (fato real no nosso país) como também:

- redimensionamento do tempo;
- forma rápida para acesso as TICs e ao conhecimento

E não simplesmente como forma de multiplicar os números de alunos, reduzir custos, desqualificar o trabalho docente, através da figura do tutor.

---

<sup>4</sup> Maiores detalhes ver: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/decreto/D5622.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/decreto/D5622.htm).

Segundo Belloni, 2002, S/D

Do ponto de vista da sociologia, não há mais como contestar que as diferentes mídias eletrônicas assumem um papel cada vez mais importante no processo de socialização, ao passo que a escola (principalmente a pública) não consegue atender minimamente a demandas cada vez maiores e mais exigentes e a “academia” entrincheira-se em concepções idealistas, negligenciando os recursos técnicos, considerados como meramente instrumentais

### Considerações Finais

O tema EAD sofreu modificações ao longo do tempo, principalmente, nos últimos 15 anos com o advento da Web 2.0 conforme este breve estudo relatou. E o crescimento desta modalidade de ensino nos leva a crer que esteja relacionada ao aumento das pessoas que estão cada vez mais conectadas.

Segundo a ABRANET- Ibope NetRatings, somos 83,4 milhões de internautas tupiniquins (setembro de 2012<sup>5</sup>), sendo o Brasil o 5º país mais conectado. De acordo com a Fecomércio-RJ/Ipsos, o percentual de brasileiros conectados à internet aumentou de 27% para 48%, entre 2007 e 2011. O principal local de acesso é a lanhouse (31%), seguido da própria casa (27%) e da casa de parente de amigos, com 25% (abril/2010).

Constata-se, porém, que existe ainda uma diversidade quanto ao modelo estrutural dos cursos realizados à distância, alguns mantendo a mesma forma como foi criado apesar de ter se diversificado em alguns aspectos, como por exemplo, o Instituto Universal Brasileiro, citado no início deste estudo que está há mais de 70 anos no mercado, com cursos supletivos, técnicos e profissionalizantes ainda apostilados apesar de também, ofertar os mesmos de forma *on line*.

Assim, os potenciais atuais da EAD vão desde a possibilidade de resgatar um saldo histórico de formação de pessoas ainda, perdendo o caráter supletivo, paliativo ou emergencial e ASSUME funções de crescente importância, principalmente no ensino pós-secundário, seja na formação inicial (ensino superior regular) seja na formação continuada, cuja demanda tende a crescer de modo exponencial.

---

<sup>5</sup> Maiores detalhes, ver [http://tobeguarany.com/internet\\_no\\_brasil.php](http://tobeguarany.com/internet_no_brasil.php). Data de acesso:16/08/2013



## Referências

ABRANET- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE INTERNET - IBOPE//NETRATINGS. Disponível <<http://www.abranet.org.br/index.php/2013-03-19-18-17-51/category/29-ibope-netratings-dados-de-2011>>. Data de acesso: 09/08/2013.

BRUNO, Adriana Rocha; BORGES, Eliane Medeiros; SILVA, Lea Stahlschmidt Pinto. Tem professor na rede. Juiz de Fora: UFJF, 2010.

BRUNO, Adriana Rocha; PESCE, Lucila. Mediação partilhada, dialogia digital e letramento: contribuições da docência na contemporaneidade. **Atos de pesquisa em Educação**- PPGE/MEFURB; v. 7, n.3, p. 683-706, set/dez, 2012.

BELLONI, Maria Luiza. Ensaio sobre EAD no Brasil. **Educação e Sociedade**. Ano XXVIII, n. 78, abril,2012.

COSTA, Karla da Silva; FARIA, Geniana Guimarães. **EAD – SUA ORIGEM HISTÓRICA, EVOLUÇÃO E ATUALIDADE BRASILEIRA FACE AO PARADIGMA DA EDUCAÇÃO PRESENCIAL**. Maio 2008. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/552008104927am.pdf> . Data de acesso: 30/07/2013

DEMO, Pedro. Tecnofilia e tecnofobia. **B. Tec. Senac**: a R. Educ. Prof, RJ, v. 35, n.1, jan/abril, 2009.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. SP: Ed. 34, 1999.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO – LDB 9394/96 - Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm) . Data de acesso 15/\*08/2013

GALVÃO, D. **As webs**: presente, passado e futuro. s/d. Disponível em: <http://ideiascorporativas.wordpress.com/2009/10/22/as-webs-presente-passado-e-futuro/> Acesso em agosto de 2012.

MILL, Daniel; MACIEL, Cristiano (org.) **Educação a distância: elementos para pensar o ensino-aprendizagem contemporâneo**. Cuiabá: EdUFMT, 2013.

PETERS, Otto. **Didática do ensino a distância**. Trad. Ilson Kayser. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2001.

UM SALTO PARA O FUTURO. **Cibercultura:** o que muda na educação. Ano XXI  
Boletim 03 - Abril 2011

SANCHES, Fábio. (coord) **Anuário Brasileiro Estatístico de Educação aberta e a distância** (ABRAED/2008). São Paulo: Instituto cultura e editoria monitor, 2008.

VALENTE, José Armando. **Diferentes abordagens de Educação a distância**. Coleção Série informática na Edu. , Tv Escola, 1999. Disponível em: <[www.proinfo.gov.br](http://www.proinfo.gov.br)>  
Data de acesso: 20/06/2013